

## A COBERTURA DO CASO SARAH LOPES PELO CIDADE ALERTA AMAPÁ

### THE COVERAGE OF THE SARAH LOPES CASE BY CIDADE ALERTA AMAPÁ

**Alan Milhomem da Silva**

Professor do Curso de Jornalismo (Unifap),  
Bacharel em Comunicação Social/Jornalismo (UFMA),  
Mestre em Comunicação e Sociedade (UFT),  
Doutorando em Jornalismo (PPGJor/UFSC).  
[milhomemalan@gmail.com](mailto:milhomemalan@gmail.com)

**Crinsna Martins da Silva**

Acadêmica de Jornalismo (Unifap).  
[crinsnam@gmail.com](mailto:crinsnam@gmail.com)

#### Resumo

O presente artigo tem como objetivo analisar a cobertura do Caso Sarah Lopes pelo programa Cidade Alerta Amapá, da TV Equinócio, afiliada à Rede Record no estado. Para isso, foram mobilizados conceitos relacionados ao telejornalismo policial, sensacionalismo e modos de endereçamento. A investigação empírica deste trabalho se debruça sobre uma amostra cinco edições do programa com o intuito de analisar a cobertura a partir Análise da Materialidade Audiovisual (Coutinho, 2016; 2018). Os resultados demonstram que o telejornal analisado realizou uma cobertura sensacionalista e endereçada ao público que consome este tipo de noticioso, com a exploração de imagens e os comentários excessivos. As reportagens produzidas foram explorando a dramatização do caso com imagens de luto, sofrimento e indignação.

**Palavras-chave:** telejornalismo policial; Amapá; TV Equinócio.

#### Abstract

This article aims to analyze the coverage of the Case of Sarah Lopes by the program Cidade Alerta Amapá, of TV Equinócio, affiliated with the Rede Record in the state. For this purpose, concepts related to police television journalism, sensationalism and ways of addressing were mobilized. The empirical research of this work takes a look at a sample five editions of the program with the aim of analyzing the coverage from Analysis of Audiovisual Materiality (Coutinho, 2016; 2018). The results show that the television newspaper analyzed carried out a sensational coverage and addressed to the public that consumes this type of news, with the exploitation of images and the excessive comments. The reports produced were exploiting the dramatization of the case with images of mourning, suffering and indignation.

**Keywords:** Police television journalism; Amapá; TV Equinócio.

#### INTRODUÇÃO

A televisão no Brasil ainda faz parte da vida e da rotina de muitas pessoas. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o Brasil tinha, em 2022, mais de 71 milhões de domicílios com televisão. No Amapá, 93% dos domicílios contavam com televisão, conforme

pesquisa. É por meio da TV que milhares de brasileiros têm acesso a entretenimento e informação. Este último ocorre, principalmente, por meio dos telejornais, que assumem papel de destaque desde o início da TV no Brasil, assumindo participação ativa na vida pública do país (Falcão, 2023).

Dentre os telejornais, as informações policiais ganham relevância e, muitas das vezes, extrapolam os limites éticos com um sensacionalismo em torno dos casos noticiados. Além disso, Amaral (2003) ressalta que há uma exacerbação das referências ao universo do público popular no âmbito cultural e no discursivo, sendo necessário compreender esses casos a partir dos modos de endereçamento (Gomes, 2011; Souza, 2018) para entender de forma mais abrangente como o universo cultural dramático e os valores notícia do jornalismo popular influenciam a construção das narrativas dos programas policiais. Um dos exemplos desses programas é o Cidade Alerta, apresentado pelo jornalista Luiz Bacci, na Rede Record, de segunda a sábado, entre 16h e 19h. O telejornal é caracterizado por divulgar notícias de forma sensacionalista, priorizando casos policiais e a divulgação de crimes inusitados (Jesus & Farias, 2022).

A versão amapaense do telejornal é apresentada por Aroldo Santos e vai ao ar de segunda a sexta-feira, das 18h50 às 19h45, e segue os mesmos padrões da versão nacional. Um exemplo foi na cobertura do Caso Sarah Lopes, que chocou a sociedade amapaense em 2023. Uma menina de nove anos foi brutalmente estuprada e assassinada em uma área de mata próxima à residência onde morava. O crime ficou popularmente conhecido como Caso Sarah Lopes e ganhou destaque na mídia local, com cobertura seguindo a característica sensacionalista e com modos de endereçamento fazendo referências ao universo do público.

Diante disso, o objetivo geral deste trabalho é analisar a cobertura do Caso Sarah Lopes no telejornal Cidade Alerta Amapá. Para tanto, foram empregadas as seguintes estratégias metodológicas: pesquisa bibliográfica e Análise da Materialidade do Audiovisual proposta por Coutinho (2016; 2018). O trabalho está estruturado em três partes. Na primeira apresentação, foram apresentadas discussões teóricas sobre telejornalismo, telejornalismo policial, sensacionalismo e modos de endereçamento. Posteriormente, são apresentados os procedimentos metodológicos e, por fim, é analisada a cobertura deste crime trágico e tecidas algumas considerações sobre o caso.

## **TELEJORNALISMO, SENSACIONALISMO E MODOS DE ENDEREÇAMENTO NOS CASOS POLICIAIS**

A introdução da televisão no Brasil, em 1950, representou uma complexa mudança na comunicação do país. Da pioneira PRF-3/TV Tupi, sediada em São Paulo, até os grandes grupos

mediáticos que temos atualmente, como o Grupo Globo e a Rede Record, muitas foram as transformações nas formas de narrar fatos com uso de som e imagem. Conforme Silva (2018), a televisão cresceu em sintonia com os brasileiros, aprimorando-se progressivamente em termos técnicos, assim como na maneira de apresentar as notícias aos telespectadores.

Um dos produtos de destaque da televisão é o telejornalismo, que também se modificou ao longo do tempo, passando por seis fases, segundo Silva (2018)<sup>1</sup>, até culminar com o modelo que temos hoje marcado pela interatividade via redes sociais digitais, plataformação, imersão e *streaming*. Assim, ao longo da história no Brasil, o telejornalismo ocupou lugar de destaque na sociedade.

A combinação de som, imagem e informação permitiu à sociedade acompanhar, sem a necessidade de estar em locais públicos, o desenrolar da política, da justiça social e da cultura no Brasil (Temer, 2014). Nesse contexto, Becker (2005) destaca que os telejornais atuais transmitem reportagem e retratam a realidade, proporcionando uma experiência coletiva e cotidiana de nação. Segundo a autora, ao representar os eventos sociais, o telejornal constrói a realidade social, influencia a expressão das identidades nacionais e cria um território simbólico chamado telerrealidade. Falcão (2023, p. 97) acrescenta que:

Os telejornais cumprem a função de sistematizar, organizar, classificar e hierarquizar a realidade. Dessa forma contribuem para a organização de um mundo circundante. Partindo do entendimento do telejornalismo enquanto uma das engrenagens para sistematizar, organizar, classificar e hierarquizar a organização do pensamento da sociedade e, portanto, coparticipante da construção simbólica, dos diálogos e até mesmo da educação (Vizeu, 2016) ele assume participação ativa na vida pública do Brasil e interfere nos valores, princípios, discursos, cultura.

Outra marca do telejornalismo brasileiro ao longo da história da televisão são os programas que mesclam jornalismo e espetáculo, destacando, principalmente, problemas sociais e de violência, como os programas policiais. São exemplos desse modelo o Brasil Urgente (Rede Bandeirantes), o extinto Aqui Agora (SBT) e o Cidade Alerta (Rede Record). Todos têm em comum a linguagem coloquial e opinativa, o foco em temas como: segurança pública, crimes contra a vida,

---

<sup>1</sup> Conforme Silva (2018), o telejornalismo brasileiro tem seis fases, sendo: i) Falado, que tem como marca a linguagem radiofônica, com narração detalhada e poucas imagens; ii) Reportado, fase marcada pela chegada do videoteipe que possibilitou a gravação e edição de reportagens; iii) All News é a fase marcada pelas TVs por assinatura com canais especializados em notícias 24 horas por dia; iv) Convergente tem como característica a edição não-linear, cenários tecnológicos e interatividade com o público via chats e fóruns marcaram; v) Expandido é a fase do telejornalismo permeado pelas redes sociais digitais, que possibilitou novos formatos e mais interação com o público; vi) Imersivo, que representa a fase atual com a interação da notícia com o telespectador por meio de tecnologias de realidade virtual, realidade aumentada e vídeos em 360º.

saúde e trabalho, além da exploração de forma espetacular de fatos corriqueiros do dia a dia. Outra característica é o artifício do replay, usado pelos apresentadores para chamar a atenção de um fato e fazer julgamentos (Negrini & Tondo, 2007).

Nesse sentido, há uma apresentação exaustiva de imagens fortes ou a constante repetição delas. Esse processo é uma forma de repassar ilusões aos telespectadores. “O espetáculo jornalístico em cena, no telejornal, seria dimensão essencial da ilusão da realidade, já que as cenas representadas em suas notícias foram percebidas pelo público como reais e liberais” (Coutinho, 2003, p. 62). Além da exploração das imagens, a linguagem empregada pelos repórteres neste tipo de telejornalismo busca envolver o telespectador, para isso usa termos simples e de fácil entendimento, quase sempre relatando os casos diretamente dos locais de consumo dos crimes.

Na edição, há uma priorização de cenas que causam impacto. São transmitidas imagens de desespero dos familiares das vítimas, de mães lamentando a perda dos filhos, imagens que causam impacto e indignação diante do crime. As exibições do telejornal apresentam o discurso do apresentador ou repórter, geralmente, com uma música de fundo. São melodias que despertam medo ou provocam suspense durante as exibições (Jesus, 2020, p. 65).

O uso dessa linguagem coloquial e sensacionalista foi verificado na edição nacional do programa Cidade Alerta por Oliveira (2011, p. 132). O autor constatou que o apresentador da época fazia uso da oratória e da expressão corporal para sensacionalizar a notícia. Ainda segundo o pesquisador, era comum o uso de termos como “bandido, assassino, esturador, criminoso, cretino, cara de pau, monstro, drogado, pervertido” quando se tratava dos suspeitos ou acusados dos crimes noticiados. Destacamos que esta linguagem ainda está presente na edição atual do telejornal, também copiada nas edições locais, como no Cidade Alerta Amapá. Além disso, os indivíduos são culpabilizados por suas situações de vulnerabilidades que são apresentadas, na maioria das vezes, desvinculadas do contexto em que ocorrem (Jesus, 2020).

Amaral (2005) ressalta que há uma variedade de estratégias de comunicação adotadas pela mídia popular, que vão além da simples busca por sensações chocantes. Para entender esse processo, a autora propõe os “modos de endereçamento” dos produtos jornalísticos, isto é, como esses produtos se comunicam com seu público-alvo e constroem uma relação com ele. Ela também salienta a importância de considerar as “matrizes culturais” que influenciam a produção midiática e sugerem que diferentes jornais adotam diferentes matrizes, refletindo as diversas visões de mundo de seus públicos.

Uma das matrizes culturais apontadas por Amaral (2005, p. 7) é a matriz dramática, que

“[...] relaciona-se com identidades de tipo social, utiliza uma linguagem concreta, dá lugar a uma representação mais cultural do popular e baseia-se nos modos de conhecimento populares”. Ainda segundo a autora, a linguagem é baseada em imagens, pobre em conceitos, com estética sensacionalista e melodramática.

Ao analisar essa narrativa melodramática no jornalismo, Souza (2014) aponta a presença de uma tríade neste tipo de narrativa que envolve traidores, justiceiros e vítimas. O primeiro é encarnado por traficantes, assaltantes, estupradores e outros tipos de criminosos, que aparecem nas narrativas como atos prejudiciais aos cidadãos. A vítima, segundo a autora, na maioria dos casos, é o cidadão comum, o trabalhador, crianças ou os rotulados de “do bem”. Por fim, “o papel do justiceiro é desempenhado na maioria dos casos pelos policiais, que são os principais responsáveis pela defesa do cidadão, por prender os criminosos” (Souza, 2014, p. 29).

Ponte (2005, p. 65) complementa que na narrativa jornalística há uma construção de boas vítimas de modo a provocar a identificação do leitor com a notícia. “Uma boa vítima é acima de tudo uma pessoa/personagem com quem cada um pode compadecer-se ou identificar-se”. Assim, conforme a autora, as notícias são construídas com foco nas vítimas, pautada na lógica melodramática, que elabora uma encenação exagerada de contrastes visuais e sonoros, despertando sentimentos e exigindo risadas, lágrimas, revolta, entre outros. “A todo o momento, a narrativa convoca o público, provoca sensações, para que este se envolva na narrativa, se identifique com as vítimas, repudie os bandidos, aplauda as ações policiais” (Souza, 2014, p. 24).

Assim, conforme observado por Amaral (2005), os jornais adotam fórmulas consagradas historicamente para se conectarem com seu público. E o jornalista, ao trabalhar com essas características, deve estar ciente de que está produzindo notícias para uma audiência com gostos, hábitos, interesses e valores específicos. Os modos de endereçamento dessas produções jornalísticas melodramáticas têm o objetivo de prender a audiência e, por isso, apelam para uma carga emocional na cobertura dos fatos, criando uma dramaturgia do telejornalismo (Coutinho, 2012), que em muitos casos chega a ser espalhafatoso, por conta da intensificação do exagero.

Além disso, há uma exploração do extraordinário e do vulgar, falta de contextualização social e discurso repetitivo. No caso do telejornalismo policial, essa narrativa também vem carregada de julgamentos.

A narrativa sensacional se fundamenta no choque sensorial, criando no enredo a grande expectativa do telespectador para resolução dos crimes, originando o sentimento de que o programa realmente pode resolver os erros da sociedade. Normalmente telejornais dessa vertente usam do espaço para julgar e ditar

penas aos criminosos (Araújo & Costa, 2019, p. 3).

Neste sentido, a cobertura policial intensifica e exagera os fatos noticiados, às vezes de forma inusitada, na tentativa de despertar sentimentos nos telespectadores e garantir que a audiência acompanhe o telejornal e veja o desfecho dos casos. São apresentadas narrativas minuciosas sobre os casos noticiados. Segundo Angrimani (1995, p. 41), no jornalismo policial, a notícia sensacionalista conduz uma linguagem que leva o leitor ou telespectador a abraçar o texto, isso porque “[...] não admite distanciamento, nem a proteção da neutralidade. É uma linguagem que obriga o leitor a se envolver emocionalmente com o texto”.

No caso da televisão, essa linguagem é aliada à imagem e recursos de edição que ajudam a construir uma narrativa espetacularizada dos casos policiais. São enquadramentos, movimentos de câmera, iluminações, cortes, animações, efeitos ou simulações que levam a construção de sentidos na narrativa televisiva sensacionalista. No caso do telejornalismo expandido (Silva, 2018), há também a exploração de postagens das redes sociais dos envolvidos no assunto noticiado e até mesmo transmissão do telejornal em lives nas plataformas de redes sociais digitais.

Nessas narrativas, muitas vezes também é notória uma conduta antiética do profissional e da emissora que veicula o telejornal. Vale ressaltar que o Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros (Fenaj, 2007), no seu Capítulo III, Art. 11, Inciso II, veda o jornalista de divulgar informações caráter mórbido, sensacionalista ou contrário aos valores humanos, em especial na cobertura de crimes. Ou seja, o Código de Ética, como um conjunto de normas e princípios que regem a profissão do jornalista, é expressamente contra condutas sensacionalistas no exercício da profissão, porém a prática ainda é comum no cenário brasileiro.

Desta forma, o telejornalismo policial no Brasil possui algumas características específicas que o diverge dos outros eixos da profissão, ao mesclar entretenimento, sensacionalismo e dramaturgia na cobertura de assuntos relacionados à segurança pública ou ao cotidiano social das comunidades. É a partir deste contexto teórico que se analisa, neste trabalho, a cobertura do Caso Sarah Lopes pelo Cidade Alerta Amapá. Os procedimentos de coleta e análise de dados são especificados no tópico a seguir.

## **PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS**

Esta pesquisa é de abordagem qualitativa e descritiva, considerando a observação, registro e análise dos dados, destacando suas características, causas, relações (Prodanov & Freitas, 2013;

Gil, 2021). Quanto aos processos técnicos, a primeira atividade da pesquisa foi a revisão bibliográfica em livros, artigos, teses e dissertações para a contextualização das temáticas, a saber: telejornalismo, sensacionalismo, modos de endereçamento e programas policiais.

No segundo momento, foi realizada a coleta de dados do Caso Sara Lopes. Foram levantadas as notícias publicadas sobre o caso para que pudesse entender os fatos ocorridos e analisar como o programa Cidade Alerta Amapá conduziu sua cobertura. Foram coletadas as edições do programa disponíveis no Facebook da emissora, pois há transmissão ao vivo do programa também nesta plataforma, além do YouTube, que é usado pela emissora como repositório no qual são postadas reportagens produzidas para os telejornais. Foram coletadas as cinco edições, a contar do dia posterior ao crime. Por envolver um caso de grande repercussão, inicialmente se pensou em analisar um mês de cobertura. Porém, na coleta do material empírico, verificou-se que as notícias sobre o caso foram divulgadas apenas na semana do crime. Por conta disso, o material selecionado para análise compreende apenas uma semana.

O Cidade Alerta é um dos telejornais da TV Equinócio, emissora afiliada da Record no Amapá. Ela é oriunda da antiga TV Marco Zero, afiliada ao SBT, e inaugurada em 4 de maio de 1988. Em 2004, a TV mudou de nome, passou a se chamar TV Gazeta-Marco Zero, e se filiou a Rede Record. Em 2006, houve mudanças no comando da empresa, que passou a chamar TV Equinócio, permanecendo até os dias atuais (Silva, 2021).

A TV Equinócio tem, atualmente, quatro telejornais na sua programação: Jornal da Manhã, Balanço Geral AP, Giro 10 e Cidade Alerta AP. Optou-se por analisar este último por ser um noticioso que vai ao de segunda a sexta-feira, das 18h50 às 19h45. Um horário considerado nobre localmente e por reunir as principais notícias do dia e acompanhar as informações do início da noite amapaense. O telejornal conta com reportagens, *stand up* e entradas ao vivo de repórteres.

Como o objetivo desta pesquisa é analisar a cobertura do Cidade Alerta Amapá, utiliza-se a metodologia da Análise da Materialidade Audiovisual proposta por Coutinho (2016; 2018). A metodologia possibilita uma análise aprofundada sobre as especificidades da narrativa audiovisual. Para realizar esta análise, conforme a autora, é preciso escolher o objeto de pesquisa, fazer um levantamento das demandas a serem analisadas, estabelecer uma ficha de análise que contemple o texto, som, imagens e edição, que são elementos específicos das narrativas audiovisuais. Tudo isso deve ser analisado em diálogo com os referenciais do estudo levantados na fundação teórica. Desta forma, foi elaborada a seguinte ficha de análise (quadro 1) para coleta do material, destacando os principais pontos da cobertura.

**Quadro 1** – Ficha de análise dos dados coletados nas edições do JN

Data	Texto	Imagens	Som	Edição
Data da publicação	Falas do apresentador e <i>off</i> dos repórteres .	Descrição das imagens usadas na cobertura.	Recursos sonoros usados.	Edição dos materiais que foram ao ar durante a cobertura.

Fonte: Elaborado pelos autores, 2023.

Conforme Coutinho (2016; 2018), a partir deste protocolo é possível realizar uma análise propriamente dita, observando sempre a complexidade do material audiovisual, desvelando as estratégias, os modos de dizer e os sentidos, explícitos ou silenciados, nas narrativas audiovisuais. Para análise da cobertura, observa-se os cinco elementos audiovisuais: texto, som, imagem, tempo e edição, além das fontes ouvidas nas reportagens. Isso possibilita uma análise mais fiel à natureza audiovisual do objeto. A partir do material coletado e organizado, foi possível perceber a construção narrativa, os modos de endereçamento, os elementos do sensacionalismo na cobertura e os desvios éticos.

### **O CASO SARAH LOPES NO PROGRAMA CIDADE ALERTA AMAPÁ**

A sociedade amapaense foi surpreendida na noite do dia 15 de março de 2023 por um crime bárbaro na capital Macapá. A menina Sarah Lopes, de apenas 9 anos, foi, segundo a polícia, estuprada e assassinada em uma área de mata próxima à residência onde ela vivia com a família. O desaparecimento da criança foi comunicado às autoridades às 16h, mas o corpo só foi encontrado nas primeiras horas da madrugada do dia 16 de março, após suspeitas de que o primo da vítima, Ualefe Oliveira de Souza, 28 anos, estaria envolvido nesse desaparecimento.

Ualefe Oliveira, segundo a polícia, após cometer o homicídio, foi à igreja e, na volta, ajudou na mobilização dos familiares, amigos e vizinhos na procura pela criança. No entanto, o comportamento de Ualefe foi considerado suspeito pela população, que resolveu alertar a polícia sobre a conduta dele. A Polícia Militar acabou prendendo o jovem em flagrante no dia 16 de março, com um suposto ajudante no crime, identificado como Jonathan dos Santos, de 38 anos. Na delegacia, Ualefe confessou o crime e inocentou o suposto ajudante.

A repercussão desse caso no estado do Amapá foi imediata. As primeiras reportagens começaram a ser divulgadas na manhã do dia 16 de março e logo se espalharam em sites, TVS e redes sociais. A TV Equinócio acompanhou esse caso desde as primeiras horas da manhã. O



programa Jornal da Manhã reproduziu as imagens gravadas na noite anterior, mostrando a mobilização da população na procura pela criança, o achado do corpo e a prisão de Ualefe. A reportagem detalha o acontecimento do crime. As mesmas imagens foram utilizadas na reportagem feita pela repórter Nelly Fran, que foi ao ar no programa Balanço Geral AP, exibido no horário de meio-dia, e no telejornal à noite, o Cidade Alerta Amapá. Os dados desta cobertura no Cidade Alerta foram condensados no Quadro 2 e demonstram como o telejornal abordou este crime.

**Quadro 2 – Resumo da cobertura do Caso Sarah Lopes no Cidade Alerta AP**

Data	Texto	Imagens	Som	Edição	Link
16/03/ 23 Reportagem	<p>Detalhes como o aconteceu, das buscas durante o dia, o achado à noite, a prisão dos suspeitos e a comoção da população.</p> <p>Há também o relato da mãe e de amigo da criança na residência de família pedindo justiça, expondo também o luto da comunidade.</p>	<p>Da pequena Sarah</p> <p>Prisão dos suspeitos</p> <p>Velório na Igreja</p> <p>Local onde o corpo foi encontrado</p> <p>Fotos da noite do dia 15/03</p> <p>Bairro onde a vítima residia</p> <p>Casa da família</p> <p>Entrada dos suspeitos na delegacia</p> <p>Acervo pessoal da família</p> <p>Escola onde Sarah estudava</p> <p>Mãe aos prantos</p>	Trilha sonora dramática	<p>Intercalando imagens que identificavam o dia a dia da vítima, do local do crime, da comunidade e imagens do velório.</p> <p>Sempre com BG dramático.</p>	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=ZReDze2uOfs">https://www.youtube.com/watch?v=ZReDze2uOfs</a>
16/03/23 Entrevista no estúdio	<p>- Apresentador incita a violência com termos pejorativos ao tratar do caso em tom de revolta</p> <p>Entrevista com conselheira tutelar que orienta comunidade sobre medidas para evitar casos assim.</p>	Foram usadas que imagens identificavam o dia a dia da vítima, do local do crime, da comunidade e imagens do velório.	Trilha sonora dramática	Foram usados durante as entrevistas ao vivo e no estúdio.	<a href="https://www.facebook.com/TvEquinocio/videos/552524120281207">https://www.facebook.com/TvEquinocio/videos/552524120281207</a>
16/03/23	Relatos da	Foram usadas que	Trilha sonora	Os mesmos	<a href="https://www.">https://www.</a>

Entrada ao vivo	<p>movimentação no velório e revolta da comunidade.</p> <p>Entrevista com uma moradora, uma pastora e finaliza com a mãe da criança aos prantos.</p> <p>Opinião do repórter sobre a decisão da justiça</p>	<p>imagens identificavam o dia a dia da vítima, do local do crime, da comunidade e imagens do velório.</p>	dramática	recursos de edição da reportagem	<a href="https://www.facebook.com/TvEquinocio/videos/552524120281207">facebook.com/TvEquinocio/videos/552524120281207</a>
17/03/23 Live	<p>Narração das imagens</p> <p>Destacando a emissora como a única a fazer a cobertura ao vivo</p> <p>Narração relembando os principais pontos do caso</p>	<p>Cortejo fúnebre pelas ruas da cidade</p> <p>Homenagem na escola onde a vítima estudava</p> <p>Chegada ao cemitério e enterro</p> <p>De pessoas emocionadas e chorando</p>	Não houve utilização de recursos sonoros	Transmissão no Facebook sem recursos de edição	<a href="https://www.facebook.com/TvEquinocio/videos/1262779514308461/">https://www.facebook.com/TvEquinocio/videos/1262779514308461/</a>
20/03/23 Reportagem	<p>Entrevista com moradores do bairro onde o crime ocorreu</p> <p>Passagem do repórter com um tom de drama e pausas da fala para causar sensibilidade</p> <p>Off repetindo informações de outro programa da emissora</p> <p>Depoimento de familiar sobre a criança na igreja</p> <p>Passagem durante a prisão dos suspeitos</p> <p>Entrevista com mototaxista em tom dramático</p>	<p>Do cortejo fúnebre</p> <p>Professores da criança em luto, chorando e orando na despedida</p> <p>Do rosto da criança estampado nas camisas dos familiares</p> <p>Sepultamento</p> <p>Familiares chorando</p> <p>Homenagem em frente à escola onde a vítima estudava</p> <p>Prisão dos suspeitos</p> <p>Populares em volta da cova</p> <p>Imagens da vítima</p>	<p>Trilha sonora dramática durante a reportagem e as entrevistas</p> <p>Narração em tom dramático</p>	<p>Cortes direto nas imagens</p> <p>Valorização das imagens de sofrimento em câmera lenta</p> <p>BG melancólico ao fundo</p>	<a href="https://youtu.be/6HLMtBepzE8?si=DKbKRgBUVOW_T45C">https://youtu.be/6HLMtBepzE8?si=DKbKRgBUVOW_T45C</a>

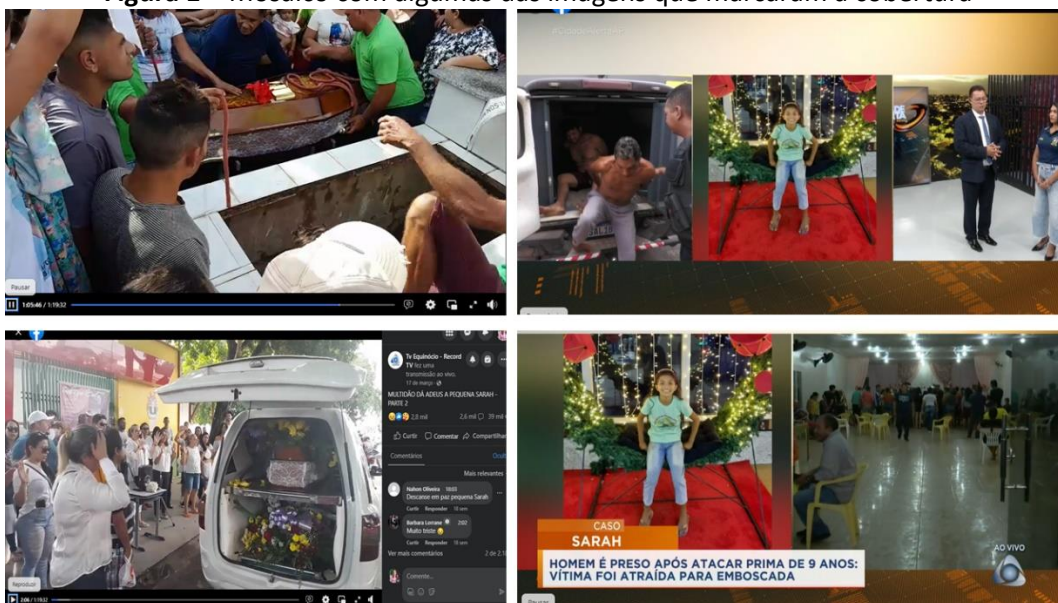
	Depoimento de familiar				
--	------------------------	--	--	--	--

Fonte: Elaborador pelos autores, 2024.

Crimes como o de Sarah Lopes são alvos da cobertura midiática sensacionalista e, no caso amapaense, não foi diferente. O corpo foi encontrado na madrugada do dia 16 de março e durante todos os telejornais da TV Equinócio o caso foi abordado. No Cidade Alerta, foi exibido uma reportagem que já havia sido exibida em outros telejornais contando todo o caso e os desdobramentos. Também houve uma entrevista em estúdio para discutir o crime e orientar crianças e pais. Por fim, houve uma entrada ao vivo direto do velório, relatando o sofrimento da família e a indignação dos populares.

No dia posterior, não foi possível fazer uma análise da edição, pois a emissora não disponibilizou a versão completa do telejornal no YouTube ou Facebook. Há apenas uma transmissão ao vivo da página da TV Equinócio no Facebook com quase 1h20. Foi acompanhado todo o cortejo fúnebre, a homenagem realizada na escola onde a menina estudava e o enterro. Em toda a transmissão, foram destacadas imagens emocionantes e uma narração do que ia se passando. As imagens foram reutilizadas pela emissora em outras reportagens. A todo momento era destacado na transmissão que a emissora era a única a fazer tal cobertura.

**Figura 1** – Mosaico com algumas das imagens que marcaram a cobertura



Fonte: Captura de tela, 2023.

No sábado (18/03) e domingo (19/03) não há edição do Cidade Alerta. Na segunda-feira

(20/03) foi veiculada mais uma reportagem sobre o caso. O material lembrou o enterro da vítima, inclusive com imagens da cova e do desespero da família no momento, e mais uma vez destacou o sofrimento da família e mostrou os suspeitos do crime. Foram acompanhadas as edições do programa durante a semana, porém não houve mais material sobre o caso. O que é típico das coberturas sensacionalistas, exploram o caso no calor do momento e depois deixam de acompanhar o caso. O Cidade Alerta só voltou a falar do caso no dia 07 de abril de 2023 para falar de como a família estava lidando com a falta da menina.

Ao analisar a cobertura realizada pelo Cidade Alerta, verificou-se o tom sensacionalista, exploração de imagens da vítima e do desespero da família, principalmente da mãe, na tentativa de comover o público que acompanhou o caso. A busca pela audiência muitas vezes se sobrepõe à ética jornalística e revela alguns aspectos problemáticos que merecem reflexão. Com relação ao texto das reportagens e do apresentador durante a apresentação do programa, é notável exploração emocional exagerada, bem como do sofrimento dos familiares. A transformação do ocorrido em um espetáculo midiático pode, em alguma medida, contribuir para compreensão superficial ou até equivocada dos fatores envolvidos. Além disso, os comentários excessivos do apresentador marcaram a cobertura.

“Uma história que mecheu com toda cidade. Com todo estado do Amapá. Um crime que jamais poderia ter acontecido... e praticado com uma criança de 9 anos de idade indefesa. De dentro do ceio da família. Sangue do meu sangue. Carne da minha carne”.

“Você que tem filhos. Você que é pai, que é mãe. Você que concerteza vai se encontrar com a gente nesta história macraba. Aguarde que vamos mostrar todos os detalhes dessa crueldade praticada por alguém que é do próprio seio da família mais o seu comparsa”.

“Nós não vamos poder ver esse rapaz saindo pela porta da frente do fórum de Macapá que não seja para a penitenciária”. (Trechos da fala do apresentador ao longo do programa no dia 16/05/2023).

Os trechos acima demonstram que o apresentador não escondeu a revolta e ódio, que foram expressos em comentários com termos pesados. Em outros momentos, ele faz questionamentos sobre as leis do país e falta de uma justiça severa no país. Em certa medida, os comentários sugerem até uma incitação à violência. Porém, este tipo de postura indica que o telejornal endereça seu discurso ao público que acompanha este tipo de telejornal no intuito de construir relação com ele.

Como destaca Amaral (2005), essa matriz dramática de endereçamento dos telejornais baseia-se nos modos de conhecimento populares, na linguagem é baseada em imagens, com

estética sensacionalista e melodramática. Todos os discursos do apresentador no programa foram complementados com imagens da vítima, da família ou dos suspeitos, e sempre com fundo sonoro de suspense ou melancólico, construindo essa narrativa melodramática que a autora cita.

Na tríade dessa narrativa apontada por Souza (2014), fica claro que o apresentador assume a postura de apontar os suspeitos como traidores e defender as vítimas, apresentando estas com pessoas de fácil compadecimento e identificação, além de provocar sensações no público para envolvimento com a narrativa e corroborando o que aponta Angrimani (1995), que o texto do jornalismo policial sensacionalista obriga o leitor a se envolver emocionalmente.

Os achados na análise da cobertura sobre o Caso Sarah Lopes corroboram também com os resultados de Lima, Costa e Pires (2019), que ao analisarem o telejornal Cidade Alerta Amapá destacaram ser perceptível o uso do sensacionalismo, a ironia ao falar de certo grupo e a apelação emotiva que o apresentador faz ao público, com discursos que duvidam das leis brasileiras no combate os crimes. Ainda segundo os autores, o sensacionalismo é tamanho que o foco recai no discurso do apresentador e não ao fato noticiado.

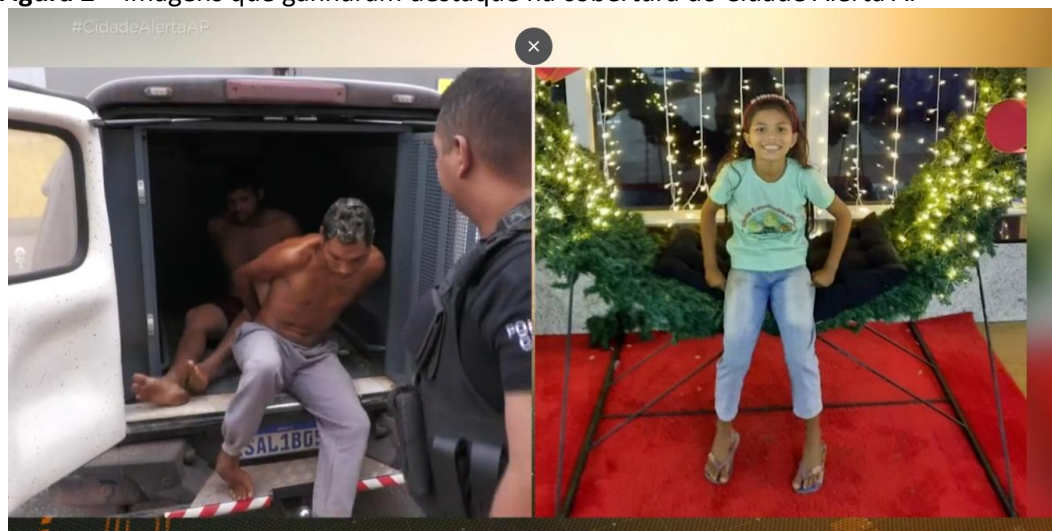
Além disso, o apresentador aproveitou o momento para chamar as reportagens em tons de injustiça e indignação. Por outro lado, os repórteres trouxeram dramaticidade na apuração do caso, encenando até a rotina que a criança vivia na escola. O timbre da narração sempre suave e com pausas, compondo as reportagens de forma melodramática (Coutinho, 2012). Após as exibições das reportagens, o tom de voz do apresentador se alterava visivelmente e, em tom de indignação e pedindo justiça para o caso.

A forma sensacionalista na apresentação do caso pode influenciar a opinião pública de maneira inadequada, distorcendo os fatos e gerando até uma atmosfera de pânico. Como preconiza o Código de Ética do Jornalistas Brasileiros (Fenaj, 2007), o papel do jornalista deve ser sempre o de informar de maneira equilibrada, promovendo o entendimento e a reflexão, em vez de reforçar estereótipos ou explorar a tragédia para ganhos de audiência. Em coberturas de crimes, os princípios como o respeito à verdade, à dignidade humana e à privacidade devem ser observados rigorosamente, a fim de garantir que a informação seja veiculada de maneira responsável e respeitosa. Vale destacar que, segundo Guia de Monitoramento Violações de Direitos da Mídia Brasileira (Varjão, 2015), esses programas desrespeitam cotidianamente pelo menos 12 leis brasileiras e 7 tratados multilaterais, entre eles a Declaração Universal dos Direitos Humanos.

Com relação às imagens, foto da menina Sarah Lopes foi estampada em todas as edições

do Cidade Alerta que trataram do caso. O rosto dos suspeitos do crime, especialmente no momento da prisão, também foi outra imagem bastante explorada. Além disso, as imagens que denotavam o sofrimento e desespero família também ganharam destaque. Neste sentido, Cabral (2012) salienta que os jornalistas da televisão utilizam essas estratégias para a construção dos sentidos, são explorados enquadramentos, movimentos de câmera, cortes e efeitos para prender a atenção dos telespectadores.

**Figura 2** – Imagens que ganharam destaque na cobertura do Cidade Alerta AP



Fonte: Captura de tela, 2023.

Ao analisar a cobertura do Cidade Alerta Amapá foi possível concluir que os recursos utilizados seguiram um padrão de uma produção jornalística sensacionalista, comum na emissora TV Record local. Cada frase do texto foi aliada milimetricamente com imagens da vítima, da família, do local do crime ou da suspeitos, somadas com a trilha sonora melancólica e dramática. Os recursos sonoros foram explorados durante a apresentação do programa, nas reportagens ou entradas ao vivo foram explorados fundos musicais que remetiam ao suspense e à melancolia. Tudo na tentativa de criar uma atmosfera envolvente para a audiência e transmitir o sentimento de revolta da família e do apresentador com o caso. Evidenciado a quem o programa é endereçado e que a emissora tem uma noção do que seu público costuma consumir.

As reportagens foram construídas também com narração suave e frases pausadas, que foram juntadas com imagens em lentidão, projetando um ambiente de tristeza e revolta. O som desempenha uma função importante contextualização no telejornalismo, seja o som ambiente na reconstrução do contexto de um caso narrado ou a música para gerar emoções no telespectador.

Como ressalta Becker (2005), no telejornal, palavra (neste caso, o som) e imagem trabalham unidos para favorecer a compreensão do que é mostrado.

A cobertura do Caso Sarah Lopes pelo Cidade Alerta Amapá também está em consonância com a edição nacional do telejornal. Conforme Jesus (2020), ao analisar o noticioso, foi possível verificar que são transmitidos estereótipo sobre as violências e sempre apresenta uma narrativa focalizada no evento, desconsiderando o contexto social. Ainda segundo a autora, a cobertura sensacionalista do Cidade Alerta Nacional, assim como também aconteceu no Amapá, adota uma postura conservadora, em alguns casos naturaliza a violência e desconsidera as condicionalidades históricas da sociedade brasileira marcada pela divisão de classes, raça e gênero.

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A análise da cobertura do assassinato da menina Sarah Lopes em Macapá, pelo programa Cidade Alerta, revela a necessidade de uma reflexão crítica sobre a prática e a ética jornalística. O sensacionalismo, a exploração de imagens e os comentários excessivos representam exercícios que podem comprometer a integridade da informação, desrespeitando valores fundamentais, Direitos Humanos e o Código de Ética da profissão. Verificou-se que a cobertura foi composta por um enredo sensacional que se fundamentou no choque sensorial (Araújo; Costa, 2019) e endereçado ao público que consome os conteúdos policiais e se comove diante de casos trágicos.

A brutalidade do caso se tornou ainda maior com a cobertura sem humanização do programa, as reportagens produzidas visando dramatização do caso e explorando imagens de luto, sofrimento e indignação. A abordagem do repórter ao vivo à mãe inconsolável ao lado do caixão da criança representa o teor da falta de sensibilidade na cobertura.

Destaca-se ainda a atuação do apresentador, que extrapola sua missão de transmissão de notícias, para enaltecer suas ideias de forma sensacionalista. Em alguns momentos, a forma de apresentação ganha mais destaque sobre o fato que é apresentado. As reportagens construídas de formas dramatizadas buscam sensacionalizar o crime narrado e tentar cativar o telespectador. Nesse processo, reforça-se discursos conservadores e discriminatórios. Ressalta-se que o programa foge de sua responsabilidade ao reduzir acontecimentos a causas simplistas, sem aprofundamento necessário para o início de um debate mais amplo sobre segurança pública ou outras questões sociais.

### **REFERÊNCIAS**

- Amaral, M. F. (2005). Sensacionalismo, um conceito errante. *Intexto*, Porto Alegre: UFRGS, v. 2, n. 13, p. 1-13, julho/dezembro 2005. Recuperado de <https://seer.ufrgs.br/index.php/intexto/article/view/4212/4464>
- Amaral, M. F. (2003). Esgarçamento e alinhavos na abordagem do popular na imprensa. In: SILVEIRA, A. C. M. (org). *Jornalismo além da notícia*. Santa Maria: FACOSUFMS.
- Angrimani, D. (1995). *Espreme que sai sangue: um estudo do sensacionalismo na imprensa*. São Paulo: Sumus.
- Araújo, S. K. T., & Costa, A. B. G. (2019). O sensacionalismo e a função social do jornalismo policial maranhense: um estudo do programa Bandeira 2. In *Congresso de Ciências da Comunicação da Região Nordeste*, 21, 2019, São Luís. Anais [Resumo]. São Paulo: Intercom. Recuperado de <https://portalintercom.org.br/anais/nordeste2019/resumos/R67-0522-1.pdf>
- Becker, B. (2005). *A linguagem do telejornal: Um estudo da cobertura dos 500 Anos do Descobrimento do Brasil*. Rio de Janeiro: E-papers.
- Cabral, Á. M. (2012). Manipulação, simulação e infoimagem: a realidade expandida no telejornalismo. In F. Porcello, A. Vizeu, & I. Coutinho (Eds.). *O Brasil (é)ditado*. Florianópolis: Insular.
- Coutinho, I. (2003). *Dramaturgia no telejornalismo brasileiro: a estrutura narrativa das notícias em televisão* [Tese de doutorado, Programa de Pós-graduação em Comunicação Social, Universidade Metodista de São Paulo].
- Coutinho, I. (2012). *Dramaturgia do telejornalismo: a narrativa da informação em rede nas emissoras de televisão de Juiz de Fora-MG*. Rio de Janeiro: Mauad X.
- Coutinho, I. (2016). O telejornalismo narrado nas pesquisas e a busca por cientificidade: A análise da materialidade audiovisual como método possível. In *Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*, 36, 2016, São Paulo. Anais [Resumo]. São Paulo: Intercom. Recuperado de <https://www.portalintercom.org.br/anais/nacional2016/resumos/R11-3118-1.pdf>
- Coutinho, I. (2018). Compreender a estrutura e experimentar o audiovisual: da dramaturgia do telejornalismo à análise da materialidade. In C. Emerim, I. Coutinho, & C. Finger (Eds.), *Epistemologias do telejornalismo brasileiro*. Florianópolis: Insular.
- Falcão, L. F. N. (2023). Telejornalismo contemporâneo no Brasil: Uma análise da cobertura da posse de Jair Bolsonaro e do papel desempenhado pelos telejornais ao informar. *Investigación & desarrollo*, 31(2), 92-111. DOI: <https://doi.org/10.14482/indes.31.02.201.145>
- Federação Nacional dos Jornalistas. (2007). *Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros*. Vitória: Fenaj. Recuperado de: <https://fenaj.org.br/wp-content/uploads/2014/06/04-codigo-de-etica-dos-jornalistas-brasileiros.pdf>
- Gil, A. C. (2021). *Métodos e técnicas de pesquisa social* (6ª ed.). São Paulo: Atlas.
- Gomes, I. M. M. (2011). *Gênero televisivo e modo de endereçamento no telejornalismo*. Salvador: EDUFBA.
- Jesus, R. S. de J., & Farias, R. de C. P. (2022). Espetacularização da violência em um telejornal e construções conservadoras de gênero. *Cadernos de Gênero e Tecnologia*, 15(45), 82-97. Recuperado de: <https://periodicos.utfpr.edu.br/cgt/article/view/12638>
- Jesus, R. S. de. (2020). *Espetacularização da violência no telejornalismo: uma expressão da questão social brasileira* [Tese de doutorado, Programa de Pós-Graduação em Economia Doméstica, Universidade Federal de Viçosa]. Recuperado de: <https://www.locus.ufv.br/bitstream/123456789/29070/1/texto%20completo.pdf>
- Lima, A. M. B., Costa, B. M. da, & Pires, P. V. G. (2019). A ética no jornalismo amapaense: uma análise da conduta do jornalista no programa televisivo. In E. L. de Andrade et al. (Ed.). *Nativos digitais: como a geração z reflete a comunicação contemporânea*. Macapá: UNIFAP.



- Negrini, M., & Tondo, R. (2007). O apresentador espetáculo: o discurso de José Luiz Datena. *Estudos em Jornalismo e Mídia*, 4(1), 23-32. Recuperado de: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/2213>
- Oliveira, D. D. (2011). Cidade Alerta, jornalismo policial, vigilância e violência. In I. M. M. Gomes (Ed.), *Gêneros televisivos e modos de endereçamento no telejornal*. Salvador: EDUFBA.
- Ponte, C. (2005). *Para entender as notícias: linhas de análise do discurso jornalístico*. Florianópolis: Insular.
- Prodanov, C. C., & De Freitas, E. C. (2013). *Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico* (2ª ed.). Porto Alegre: Editora Feevale.
- Silva, E. de M. (2018). Fases do telejornalismo: uma proposta metodológica. In C. Emerim, I. Coutinho, & C. Finger (Eds.), *Epistemologias do telejornalismo brasileiro*. Florianópolis: Insular.
- Silva, D. M. da. (2021). *Fontes não visíveis ao público na significação de notícias sobre violência urbana: a transposição de narrativas no telejornalismo policial* [Dissertação de mestrado, Programa de Pós-Graduação em Jornalismo, Universidade Estadual de Ponta Grossa].
- Souza, F. C. de. (2018). *Marcelo Rezende, um apresentador performático: telejornalismo policial e celebração* [Tese de doutorado, Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social, Universidade Federal de Minas Gerais].
- Souza, F. C. de. (2014). *Entre bandidos e vítimas: As representações no Itatiaia Patrulha*. [Dissertação de mestrado, Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social, Universidade Federal de Minas Gerais].
- Temer, A. C. R. P. (2014). Desconstruindo o telejornal: um método para ver além da melange informativa. In A. Vizeu, E. Mello, F. Porcello, & I. Coutinho (Eds.), *Telejornalismo em questão*. Florianópolis: Insular.
- Varjão, S. (2015). *Violações de direitos na mídia brasileira: ferramenta prática para identificar violações de direitos no campo da comunicação de massa*. São Paulo: ANDI. Recuperado de: [https://intervozes.org.br/wp-content/uploads/2015/06/guia\\_violacoes\\_volume1\\_web.pdf](https://intervozes.org.br/wp-content/uploads/2015/06/guia_violacoes_volume1_web.pdf)

#### Informações do Artigo / Article Information

**Recebido em:** 27 de maio de 2024      **Received on** May 27th, 2024  
**Aprovado em:** 11 de junho de 2024      **Accepted on** June 11th, 2024  
**Publicado em:** 30 de junho de 2024      **Published on** June 30th, 2024

**Conflitos de Interesse:** Os(as) autores(as) declararam não haver nenhum conflito de interesse referente a este artigo.

**Conflict of Interest:** None reported.

**Avaliação do artigo:** Artigo avaliado por pares.

**Article Peer Review:** Double review.

**Agência de Fomento:** Não tem.

**Funding:** No funding.

#### Como citar este artigo / How to cite this article

##### APA

Silva, A.M & Silva, C M. (2024). A cobertura do caso Sarah Lopes pelo Cidade Alerta Amapá. *Rev. Mult. Amapá - REMAP*, 4 (1), 22-38.

##### ABNT

SILVA, A.M.; SILVA, C.M. A cobertura do caso Sarah Lopes pelo Cidade Alerta Amapá. *Rev. Mult. Amapá - REMAP*, Macapá, v. 4, n.1, 2024.



Esta obra está licenciada com uma licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional.